

**“AINDA QUE ESTEJA MORTO
VIVERÁ”:
OBSERVANDO UM
CULTO FÚNEBRE DA IGREJA
EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE
DEUS, EM IMPERATRIZ-MA**

**“EVEN IF HE IS DEAD HE WILL LIVE”:
OBSERVING A FUNERAL SERVICE AT
THE EVANGELICAL ASSEMBLY OF GOD
CHURCH, IN IMPERATRIZ-MA**

Bezaliel Alves Oliveira Junior

Doutorando em História pelo (PPGHIST-UEMA). Professor Universitário – Faculdade de Educação Santa Terezinha (FEST). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2842-2750>. E-mail: bezaliel.junior@outlook.com

Rimilla Queiroz Araújo

Doutoranda em História pelo (PPGHIST-UEMA). ORCID: <https://orcid.org/orcid-search/search?searchQuery=0009-0000-1517-1353>. E-mail: rilinhaduchovny@gmail.com

Rogério Carvalho Veras

Doutor em História (UNESP). Professor Adjunto do curso de Licenciatura de Ciências Humanas/Sociologia, do Programa de Pós-Graduação de Sociologia (UFMA/Imperatriz-MA), do Mestrado Profissional de História (UFMA/São Luís-MA) e Coordenador do Grupo de Pesquisa MensMemini: Religião, Memórias e Trajetórias. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8821-8001>. E-mail: rogerio.veras@ufma.br

Resumo: A vida e a morte são relacionadas de forma distinta e concebidas de maneira diversa por várias culturas. Cada uma com suas tradições, crenças e rituais carregados de significados e simbolismos. Este trabalho objetiva descrever e analisar um “culto fúnebre” entre evangélicos pentecostais da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Imperatriz-MA (IEADI), percebendo os significados desse ritual. A pesquisa¹ se deu pela incursão em campo, objetivando realizar uma observação direta dos comportamentos e discursos, bem como utilizou-se de entrevistas e conversas informais como métodos. Para isso recorreremos a uma perspectiva interdisciplinar dialogando com a História, a Sociologia e a Antropologia, procurando compreender *a religião como sistema cultural*. Assim, percebemos que entre os evangélicos assembleianos, o culto fúnebre é o momento para dizer um último adeus àquele que partiu e uma ocasião de reforço às suas cosmovisões, para si e para outros, acerca dos seus destinos póstumos.

Palavras-chave: Culto Fúnebre. Assembleia de Deus. Imperatriz-MA.

Abstract: Life and death are related differently and conceived differently by various cultures. Each one with its traditions, beliefs and rituals loaded with meanings and symbolism. This work aims to describe and analyze a “funeral service” among Pentecostal evangelicals from the Evangelical Assembly of God Church, in Imperatriz-MA (IEADI), understanding the meanings of this ritual. The research took place through an excursion into the field, aiming to carry out direct observation of behaviors and speeches, as well as using interviews and informal conversations as methods. To this purpose, we will use an interdisciplinary perspective that engages with History, Sociology and Anthropology, seeking to understand religion as a cultural system. Thus, we can see that among these evangelicals, the funeral service is the moment to say a final goodbye to the deceased and an

¹ Essa pesquisa se tornou possível graças à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (Fapema), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), mediante apoio financeiro aos projetos de pesquisa que contribuíram significativamente para as discussões apresentadas neste documento. Adicionalmente, este artigo foi elaborado com o suporte da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), utilizando o Código de Financiamento 001.

opportunity to reinforce their worldviews, for themselves and for others, regarding their posthumous destinies.

Keywords: Funeral Cult. Assembly of God. Imperatriz-MA.

INTRODUÇÃO

Todas as culturas² lidam com o fenômeno da morte, cada uma ritualiza seus mortos das mais distintas maneiras e em vários aspectos acabam se aproximando em seus modos de operações e significado. Para o cientista social, a morte é vista como um fato social que, como qualquer outro da vida humana, desperta o interesse e necessidade de compreensão.

Nesse sentido, observando parte do estágio desse fenômeno que assinala o fim da vida, o ritual fúnebre tem sua importância justamente na construção de possibilidades de entender as mais variadas manifestações humanas frente a essa etapa da existência humana, bem com seus significados e respostas para esse acontecimento presente em toda a estrutura das relações entre os homens

Todas as sociedades construíram suas percepções, crenças e rituais acerca dos seus destinos póstumos, uma vez elencados, cabe as gerações vindouras reinterpretá-los em suas estruturas simbólicas, em contextos culturais dinâmicas. Para Geertz³, a cultura é uma teia de significados transmitidas historicamente no qual o homem se comunica através dela, trazendo sentido para a vida.

Buscando o entendimento sobre o sofrimento das pessoas enlutadas, desvelou-se também a necessidade de considerarmos o ritual fúnebre não somente como parte de uma rede de ocorrências sociais, mas também como objeto de análise antropológica, visto os cuidados, sentimentos e contos direcionadas a pessoa já sem vida.

O que nos propomos nesse artigo é analisar, por meio da observação direta, as práticas e crenças ligadas ao ritual fúnebre na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, na cidade de Imperatriz (IEADI). Em outras palavras, objetivamos compreender a forma

² O conceito de cultura empregado aqui neste trabalho é o desenvolvido por Clifford Geertz, do livro: A interpretação das culturas. [...] É um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, em sistemas de concepções herdadas, expressos em forma simbólica por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seus conhecimentos e suas atividades em relação à vida. GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 66.

³ GEERTZ, 1989.

pela qual os fiéis se percebem e se relacionam com esse fenômeno socioantropológico ao (re)produzir, por meio do “culto fúnebre”, valores e normas para o grupo e a ideia da separação desta vida com o início da vida eterna.

Para esses fiéis, o ritual fúnebre suscita alguns significados que vão além de honrar a pessoa morta, visando, sobretudo, reafirmar e propagar conceitos, ensinamentos e padrões de comportamento que permeiam os discursos autorizados na instituição. De maneira preliminar, podemos dizer que esses ensinamentos estão relacionados ao início da vida eterna somente aos salvos, à passagem para um estágio transcendental dos que “morreram com Cristo”, conforme os valores e normas transmitidos pelos sacerdotes.

Nesse sentido é válido ressaltar o aparelhamento da liturgia organizada para o momento do ritual, além de observamos alguns instrumentos de doutrinação para o melhor entendimento dos participantes do “culto fúnebre”, como o uso de textos bíblicos, canções em hinários, discursos e práticas que são utilizados para o ensino dos valores e preceitos comportamentais para esta vida terrena.

Desde a fundação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus na cidade de Imperatriz (doravante, IEADI) em 1952, seus fiéis recorrem à instituição como suporte para esse momento de separação entre a vida e a morte, tanto na perspectiva física, ao servirem-se dos espaços e templos para a execução dos rituais fúnebres, quanto buscam o poder hierárquico da influência espiritual estabelecida pelo sacerdote na condução do momento.

Nesse aspecto a instituição criou um *ethos*⁴ próprio e uma “visão de mundo”⁵, situando os fiéis em um *cosmos*, uma realidade convincente, ao tentar trazer explicações sobre a morte e uma vida após ela, baseando-se em seus padrões estéticos e morais. Assim, o culto fúnebre engloba um conjunto de ações que permeiam os

⁴ Para Max Weber, a questão do *ethos* está diretamente ligada aos valores que dão sentido as ações práticas do sujeito em sua constituição ética e estética, enquanto modos de vislumbrar a realidade. WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2013. p. 26.

⁵ Na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo “*ethos*”, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo “visão de mundo”. O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade. GEERTZ, 1989, p. 93.

acontecimentos inerentes ao rito, construindo uma realidade única capaz de acalmar as inquietações dos enlutados.

A pesquisa de campo para construção desse artigo se deu no espaço onde um dos autores é nativo⁶. Por mais de quatro anos, ele tem tomado essa instituição como objeto de pesquisa para a sua compreensão em outra cosmovisão, em uma perspectiva socioantropológica. Nesse sentido, nosso esforço caminha na direção proposta por DaMatta⁷, de estranhar o familiar e tentar tornar inteligível (familiar) para outras culturas, o estranho. A observação participante, assim, emergiu como o principal método adequado a essa proposta, aliando-a a entrevistas e conversas informais.

Dessa forma, procuramos desenvolver uma descrição bem-informada e articulada a reflexões teóricas, observando um ritual fúnebre que aconteceu ao longo desse período de pesquisa, evidenciando também como alguns membros da IEADI, lidam com a morte, com o luto e quais significados são atribuídos.

O título desse artigo “*Ainda que esteja morto Viverá*” é parte do texto bíblico do livro de João, capítulo 11, versículo 25. É a frase inscrita em um objeto funerário sempre utilizado nos velórios da IEADI, uma espécie de estante com uma placa na parte superior, onde há um desenho de uma Bíblia dourada, em resplendor, com a frase. É também um dos textos bíblicos mais utilizados pelos pastores no momento da mensagem central do culto fúnebre.

Partindo do que já foi dito, o presente artigo é dividido em quatro sessões, a primeira delas tem a intenção de situar os leitores no espaço empírico de observação. A Igreja Evangélica Assembleia de Deus e sua inscrição na cidade de Imperatriz, localizada na parte sudoeste do estado do Maranhão, onde um dos autores passa parte

⁶ Trata-se do autor Bezaliel Alves Oliveira Junior. O uso que fazemos da categoria “nativo” é o mesmo feito por Wellington da S. Conceição. Tal termo passou ser utilizado na antropologia inicialmente para facilitar a diferenciação e classificação entre pesquisadores e pesquisados, por meio do apelo daquele grupo ou espaço à natividade, onde se desenvolve a pesquisa. Cabe destacar, que o uso do termo *nativo de campo*, é um termo pensado por nós que serve basicamente para definir o perfil de vários pesquisadores que se debruçam para estudar, escrever sobre seus próprios espaços sociais. É importante ressaltar também que o termo não é um conceito analítico balizado, mas apenas uma expressão que se ouve e diz em vários círculos de discussão ao se referir a pesquisadores que tomam como campo de trabalho o seu grupo social. CONCEIÇÃO, Wellington da Silva. “Etnógrafo nativo ou nativo etnógrafo?” Uma (auto)análise sobre a relação entre pesquisador e objeto em contextos de múltiplas pertencas ao campo. *Revista de Antropologia da UFSCar*, São Carlos, vol. 8, n. 1, p. 41-52, jan./jun. 2016.

⁷ DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

da sua vida socializando suas experiências religiosas em uma das congregações das Assembleias de Deus na cidade.

Em seguida, apontamos nossas escolhas metodológicas, a fim de demonstrarmos os recursos utilizados na construção dessa proposta. Para o levantamento de informações, foram entrevistados quatro pastores da IEADI⁸, no campo do Conjunto Vitória, e três líderes de jovens, homens e mulheres que exercem acentuada influência na direção deste campo eclesialístico.

O terceiro momento tem a intenção de destacar aquilo que está presente no imaginário assembleiano, acerca de todo esse momento ritualístico. É interessante ressaltar a estrutura da liturgia que se segue ao ambiente, e que está plasmado na mentalidade dos membros da IEADI. Em geral, isso dificulta o assembleiano de, na sua experiência em um culto fúnebre, querer qualquer disposição que contraria aquilo que ele já aprendeu na sua prática religiosa. Nesse sentido, todos os elementos litúrgicos e ritualístico de um culto fúnebre na IEADI, já estão incorporados nos demais ritos e símbolos que formam essa religião.

Por fim, nos deteremos na observação e descrição do culto, procurando interpretar os comportamentos, valores, sentimentos e sentidos que são transmitidos nas ações/expressões dos atores. Assim, acompanhamos um longo processo: dos últimos momentos à morte; da chegada do corpo à igreja, aos hinos cantados; das oportunidades aos familiares e entes queridos para direcionarem palavras e homenagem ao morto exposto na igreja, ao sermão sistematizado pelo pastor.

A ASSEMBLEIA DE DEUS EM IMPERATRIZ

Com uma população de 260 mil habitantes e 1.367,90 km² de área total, a cidade de Imperatriz está localizada às margens do Rio Tocantins, no sudoeste do estado do Maranhão, entre diferentes biomas: a Mata dos Cocais, o Cerrado e a

⁸ Em vários momentos dos textos utilizaremos a sigla IEADI, para nos referirmos as Assembleias de Deus em Imperatriz. Outrossim, atualmente a “estrutura organizacional da IEADI é composta por 325 congregações na cidade de Imperatriz, dividida em 29 campos”, com seus respectivos pastores-presidentes. A escolha pelo campo do Conjunto Vitória, que é um bairro situado na cidade de Imperatriz, se dá pelo fato de um dos autores ser membro da instituição nessa localidade, isso facilitou a coleta de dados. OLIVEIRA JUNIOR, Bezaluel Alves. *Os Evangélicos e a Política: itinerários e lógicas do engajamento político de líderes pentecostais da Igreja Assembleia de Deus em Imperatriz-MA*. São Paulo: Editora Pluralidade, 2022.

Amazônia. Distante 629,5 km de São Luís, Imperatriz está localizado na região sudoeste do Estado do Maranhão também conhecida como Região Tocantina⁹.

A Assembleia de Deus em Imperatriz (IEADI) foi fundada pelo Pastor Plínio Pereira de Carvalho, que migrou do Estado do Piauí com a família e alguns amigos¹⁰. Conforme Costa¹¹, o primeiro culto pentecostal na cidade foi realizado em 1952. A igreja foi fundada por aquele pastor com apenas 16 membros. A data 16 de setembro de 1952 constitui-se o marco de fundação da Assembleia de Deus em Imperatriz, em uma casa comprada pelo pastor Plínio. O grupo inicial era composto por: Maria Rodrigues Carvalho, Marcos Rodrigues Bandeira, Rosa Rodrigues Bandeira, Jorge Pereira da Silva, Francisca Bandeira da Silva, Januário Rodrigues Bandeira, Pedro Pereira Rocha, Neném Bandeira, Amadeu Bandeira, Maria Dorací, e outros nomes, os primeiros pentecostais a iniciar o trabalho na cidade.

Com a chegada da Assembleia de Deus, em 1952, teve início um processo de conquista do campo religioso através de “conversões em nome de Deus”, em um embate, principalmente, com a Igreja Católica. Os sacerdotes católicos locais tentaram impedir a implantação da nova igreja na cidade, mantendo-se como resistência durante muito tempo.¹²

O grupo pentecostal decidiu expandir a igreja, intensificando os trabalhos de evangelização em Imperatriz. Passados alguns meses, a igreja adquiriu um salão que

⁹ A Região Tocantina é o principal núcleo urbano da Região Intermediária, que por sua vez se subdivide nas seguintes Regiões Geográficas Imediatas: Imperatriz, Barra do Corda, Açailândia e Balsas. Essa divisão regional é importante porque demonstra a posição de destaque ocupada por Imperatriz na rede urbana estadual, uma vez que a cidade é considerada um polo de desenvolvimento que centraliza as principais atividades econômicas implementadas na região, atraindo grandes fluxos de pessoas, capitais e investimentos. SANTOS, Carvalho; CHAVES, Margarida. *Imperatriz cidade da gente: história e geografia; estudos regionais: ensino fundamental II: anos finais*. Fortaleza: Didáticos Editora, 2020.

¹⁰ O pastor Plínio Pereira de Carvalho foi consagrado ao ministério pelo missionário húngaro João Jonas, em 1950, sendo enviado do Piauí para o Maranhão, mais precisamente, para a cidade de Montes Altos, onde dirigiu a Assembleia de Deus por um ano. Em 1952, foi transferido pelo pastor Francisco Pereira do Nascimento, presidente do Serviço de Evangelização dos Rios Tocantins e Araguaia-SETA, para a cidade de Imperatriz, onde fundou a Assembleia de Deus no dia dezesseis de setembro de 1952, acompanhado de 15 pessoas, vindas do Piauí. Realizou o primeiro culto pentecostal da cidade em uma casa localizada na Rua XV de Novembro. Dois anos depois, construiu lá uma congregação, que funcionou como sede da IEADI, até o ano de 1999, quando a sede passou para o “grande templo”, com capacidade para mais de 12.000 pessoas. COSTA, Moab César Carvalho. *O aggiornamento do pentecostalismo: as Assembleias de Deus no Brasil e na cidade de Imperatriz-MA (1980-2010)*. 2. ed. São Paulo: Recriar, 2020. p. 78.

¹¹ COSTA, 2020.

¹² COSTA, 2020, p. 80.

ficava localizado na rua Gonçalves Dias, para assim melhorar a acomodação dos fiéis, dado que o número aumentava a cada dia. Em 1954, dois anos depois, houve a necessidade da compra de um terreno maior, para a fixação daquele projeto que avançava. O trabalho da Assembleia de Deus em Imperatriz e adjacências teve um crescimento surpreendente em um curto espaço de tempo. A Rua XV de Novembro, n. 507, esquina com a rua Gonçalves Dias, foi o local onde foi construído a primeira “casa de oração”¹³ da Assembleia de Deus em Imperatriz, sendo inaugurada no dia 1º de setembro de 1957.

A partir de então, depois de um período, a IEADI apresentou um acelerado desenvolvimento. Assembleia de Deus em Imperatriz, em 1960, já podia somar mais de 200 membros. Depois desse período não há registro do número de membros, apesar de seguir crescendo.

Um dos fatores que explicaria o contínuo crescimento da denominação na cidade estaria na capacidade de articulação e administração de sua liderança. Alguns líderes, como o pastor Raul Cavalcante Batista, tinham experiência em administração de instituições bancárias e formação acadêmica. O pastor Raul Cavalcante é o atual presidente da igreja, assumiu a liderança da IEADI em 1993, com 30 congregações e 8 mil membros.¹⁴

Ele introduziu uma administração de recorte profissional e organizada. Criaram secretarias (educação, política, assistência social, etc.), departamentos, distribuíram as congregações por áreas administrativas (12 áreas, no total) e colocaram outros pastores para supervisionar sobre cada uma delas. Estabeleceu-se metas de crescimento e plano de expansão. Em 2017, a estratégia utilizada para o crescimento foi a de segmentar a igreja em outros campos, dando autonomia aos pastores para desenvolverem a instituição. A estratégia gerou crescimento, mas trouxe novos problemas. À medida que

¹³ Para o evangélico da IEADI, casa de oração representa o templo físico, a igreja construída para os membros terem um local de apoio e exercício da sua fé. Casa de oração, casa de Deus, são termos utilizados pelos fiéis. Um dado interessante está na escolha do espaço onde a igreja é construída, uma vez escolhido o terreno, um rito chamado de “Pedra Fundamental” é feito, uma Bíblia é enterrada em um buraco feito na parte central da igreja, ela é enterrada e o culto acontece, meses depois a igreja é construída naquele lugar.

¹⁴ Pastor Raul nasceu na cidade de Imperatriz em, 02 de abril de 1952. Converteu-se à Assembleia de Deus aos 7 anos, sendo batizado aos 13 anos e se casou com Rute Ribeiro, em 1973. Antes de ser pastor, foi bancário, atuando em 4 bancos. A passagem pelos bancos fora de suma importância para a implantação do modelo da sua gestão na IEADI a partir de 1993. COSTA, 2020; OLIVEIRA JUNIOR, 2022.

novos bairros surgiam, outras denominações evangélicas e pentecostais, com suas mais diversas práticas e crenças religiosas, apareceram na cidade. O campo religioso em Imperatriz ampliou-se e diversificou-se, e com ele, os conflitos também.

A instituição ascendeu a passos largos, comprou canais de comunicação (TV, rádio), criou instituição teológica (IBADI-Instituto Bíblico das Assembleias de Deus) e desenvolveu projetos de impacto na cidade, entre eles, o projeto “campos brancos” e o “década da colheita”, que sinalizam a direção e posição da denominação no município. Os projetos tinham como principal objetivo ampliar o número de membros da instituição, e seus sucessos podem ser percebidos pelo fato de terem sido replicados, ocorrendo em outras regiões do país a partir de iniciativas das igrejas locais.

Entre os anos de 2000 e 2010 a instituição cresceu mais que as outras denominações evangélicas no campo religioso do município¹⁵. Em 2022, de acordo com os dados populacionais de Imperatriz, a IEADI possui cerca de 14,22% da população municipal¹⁶. Por conta do seu crescimento em relação aos demais agentes do seguimento evangélico, a IEADI se tornou representante do movimento pentecostal na cidade. Em 2024, a estrutura organizacional da IEADI é composta por 325 congregações na cidade de Imperatriz, dividida em 29 campos, com seus respectivos pastores-presidentes.

Após esse panorama histórico-sociológico das IEADI, a seguir iremos adentrar a uma exposição mais detida dos procedimentos de pesquisa adotados, visando esclarecer as escolhas feitas, nossos limites e possibilidades metodológicas, bem como os fundamentos teóricos que permeiam a interação com o grupo pesquisado, bem como a interpretação dos dados construídos nessa interação.

DA METODOLOGIA: ESCOLHAS, PERIGOS E POSSIBILIDADES

Para o levantamento de informações, foram entrevistados quatro pastores da IEADI, no campo do Conjunto Vitória, e três líderes de jovens, homens e mulheres que exercem acentuada influência na direção da instituição. Os entrevistados tinham entre

¹⁵ OLIVEIRA JUNIOR, 2022, p. 93.

¹⁶ O percentual de 14,22% foi obtido relacionando os dados populacionais registrado no censo do IBGE de 2022 com a quantidade de membros da denominação informado pela secretaria da IEADI. Em agosto de 2024, a denominação possui cerca de 38.856 membros. Ver: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/panorama>

24 e 50 anos como frequentadores assíduos dos cultos e reuniões na IEADI. As entrevistas foram feitas separadamente para evitar que as respostas fossem influenciadas. Através das entrevistas, aliadas a outras técnicas de observação participante, como a construção de um diário de campo para organizar notas e conversas informais, pudemos perceber a importância que esse ritual de passagem tem para os fiéis da instituição. Sobre essa técnica, Florence Weber destaca:

Uma parte expressiva do ofício do etnógrafo reside na construção do diário de campo. Esse é um instrumento que o pesquisador se dedica a produzir dia após dia ao longo de toda a experiência etnográfica. É uma técnica que tem por base o exercício da observação direta dos comportamentos culturais de um grupo social, método que se caracteriza por uma investigação singular que tem Bronislaw Malinowski como pioneiro e que perdura na obra de um Marcel Mauss, caracterizado pela presença de longa duração de um pesquisador-observador convivendo com a sociedade que ele estuda.¹⁷

Durante as conversas informais e entrevistas em campo anotava-se ao máximo, exceto em algumas situações que por motivo de respeito aos familiares em decorrência de ocasiões mais sensíveis, apenas observava e memorizava, focando mesmo em partes de pequenas conversas, gestos, daquilo parecia importante no momento para depois tomar nota.

Quanto ao número de entrevistados, a escolha inicial por sete pessoas se deu basicamente por entender que as informações poderiam se repetir, como de fato aconteceu em alguns momentos, sobretudo em algumas conversas informais. Além disso, percebeu-se que depois de um dado número de entrevista e conversas com alguns interlocutores, já se tinha material suficiente para análise da pesquisa qualitativa.

É importante destacar que para este artigo, a análise e construção de dados e informações foi feita com base, principalmente, na observação e participação de um culto fúnebre, bem como a participação e observação em outros espaços da instituição, além de visitas e participação de enterros em alguns cemitérios. A IEADI foi escolhida pelo fato de um dos pesquisadores ser nativo do campo, como já dito na introdução.

Nesse ponto, percebe-se alguns critérios e reflexões que se deve ter para que não haja certo comprometimento da subjetividade do pesquisador, na pesquisa de

¹⁷ WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, 2009. p. 158.

campo, prejudicando seu olhar socioanalítico. É bem verdade que para alguns metodólogos, é necessário manter distância do seu objeto de pesquisa. Nessa perspectiva, pesquisadores não deveriam buscar os grupos sociais aos quais pertencem para desenvolver sua investigação.

Entretanto, estamos de acordo com Conceição¹⁸, pois à medida que a antropologia ampliou seu campo para além daquelas sociedades consideradas tradicionais, todos se tornam de certa forma nativo de algum grupo social. Nessa situação, surge gradativamente vários pesquisadores de dentro dos próprios grupos que anteriormente só recebiam um “estrangeiro” como pesquisador, e muitos desses escolhem seus grupos e instituições a que pertencem para o desenvolvimento das suas pesquisas.

Se essa condição dupla de nativo-antropólogo representou um risco à análise, por outro lado, esse pertencimento do pesquisador, permitiu uma maior aceitação e uma interação mais horizontal com as pessoas entrevistadas, de onde foram retirados e descritos depoimentos acerca do significado que o “culto fúnebre” tem para essas pessoas, bem como permitiu perceber também a relação que esses fiéis, baseados em suas crenças e doutrinas, estabelecem com a morte e com o que vem depois dela.

Partindo desses elementos discursivos e levando em consideração o objetivo dessa pesquisa de descrever os sentidos de uma cultura por meio de um rito, o método de observação participante se mostrou uma estratégia eficiente para a coleta de dados e sua interpretação, uma vez que os sentidos – ainda que lacunares, incoerentes e lidos em “segunda mão” pelos interlocutores –, são públicos e transmitidos por meio de comportamentos, gestos e discursos.¹⁹

Para Geertz, fazer uma etnografia, vai além de transcrever informações e formatar textos, levantar genealogias, fazer um mapa do campo de pesquisa, construir um diário e etc. Ela implica em um esforço intelectual do pesquisador em produzir uma descrição densa do objeto em estudo. Compreende-se assim como descrição densa, o método de observação que Clifford Geertz criou, a intenção é desenvolver o entendimento das estruturas que constroem sentidos e significados incorporados

¹⁸ CONCEIÇÃO, 2016.

¹⁹ GEERTZ, 1989.

naquela ação social observada, na sequência, primeiro aprende-se, em seguida se apresenta.

É importante também ressaltar que esse método de estudo descritivo exige do pesquisador uma postura bastante definida diante do outro, ou seja, a identidade do pesquisador deve ser bastante clara frente ao grupo pesquisado, uma interação de ética e alteridade precisa ser estabelecida. Ter consciência e transparência dessa interação é de grande valia para o empreendimento. É com base nelas que a observação participante foi desenvolvida e os resultados e reflexões a seguir foram construídos em campo.

OS SENTIDOS DO CULTO FÚNEBRE

Todos os cultos na IEADI se caracterizam pela sua liturgia²⁰ muito parecida uma com as outras, reunidas em diversos níveis, organizadas e dirigida pelo(a) Líder do departamento²¹ à frente. No caso do culto fúnebre, há uma especialidade, geralmente quem o dirige e também ministra a palavra principal é somente o pastor, líder da Igreja.

Outro ponto de grande importância para nossa observação é o fato do culto ser ambientado no templo, o que produz um sentido de ordem no espaço e uma aura de seriedade e contrição que, para além de controlar os comportamentos e ações dos fiéis e demais pessoas ali presentes, inibe até mesmo possíveis manifestações espirituais que são comuns nos cultos pentecostais como a glossolalia²². Como nos diz Geertz:

A religião nunca é apenas metafísica. Em todos os povos as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Em todo lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação

²⁰ Liturgia (grego leitourgeion – serviço) é o conjunto dos elementos que compõem o culto cristão. Segundo a teologia pentecostal, a liturgia tem por finalidade servir ao Senhor e trazer um ordenamento no culto, de forma que haja tempo para a oração inicial, os cânticos e louvores, testemunhos e a pregação da Palavra. Sem uma liturgia, o culto pentecostal não teria ordem, trazendo confusão ao santuário. GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 2010. p. 123.

²¹ Organização administrativa de como é dividido os trabalhos na Igreja Evangélica Assembleia de Deus. A IEADI é dividida por departamentos e a frente de cada departamento tem os seus líderes, exemplo: Departamentos de Missões ou Departamento da Escola Bíblica Dominical.

²² A glossolalia verificada no meio pentecostal evangélico é um fenômeno que consiste em proferir sons ininteligíveis que se parecem com linguagem, enquanto em um estado de êxtase. Conhecida no meio pentecostal como a fala de línguas estranhas.

intrínseca: ele não apenas encoraja a devoção como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional.²³

Geralmente nos cultos comuns na IEADI, aos domingos, por exemplo, existem os momentos das orações, os cânticos, a leitura da palavra, coleta das ofertas, muitas oportunidades chamadas “avulsas” pelos fiéis, onde os cantores apresentam seus louvores a Deus, seus testemunhos, e o momento que para alguns é o mais importante: a “hora da palavra”, momento em que os fiéis acreditam que Deus se manifesta através da pregação/exposição por um pastor de um texto bíblico.

Nesse momento o líder, o sacerdote que está à frente, se reveste de uma autoridade que transcende as barreiras físicas e naquele momento depois de vários louvores, ofertas, o ministrante se torna a boca de Deus na terra, portando e transmitindo aos fiéis sua “perfeita vontade”. O momento de reverência, ou a sacralidade do templo, estimulado pelo processo litúrgico, coloca o público em um estado de temor. A crença mais comum entre os fiéis é que todos esses atos, a oferta, a adoração, ou qualquer tipo de sacrifício espiritual, precisa ser aceito por Deus. Para que se alcance seus favores, o participante não pode falhar no processo.

Percebe-se então a força que a religião exerce sobre os indivíduos, ao ponto de os símbolos que a representam acabam dando vida ao sagrado; bem como os objetos e ritos que descrevem suas origens e trajetória impõem e exigem não só uma obrigação, mas uma aceitação intelectual e um compromisso emocional, de maneira que um comportamento contrário poderá produzir anomia e caos.²⁴

Nesse aspecto, a oração, momento esse em que os fiéis fecham seus olhos e de alguma forma se ligam a uma outra esfera que não é da terra, tem o significado de transmissão de comunicação entre o homem, entendido pelos fiéis como criatura, e um ser transcendental, força motriz supridora das necessidades humanas. A oração é um elo de comunicação, porém quando não há uma postura adequada por parte dos fiéis, esse elo é quebrado produzindo determinadas dificuldades por falta de harmonia.

Se pensarmos em aspectos de organização, a oração ocupa o primeiro lugar nesse processo litúrgico. Para o fiel da IEADI, esse momento carrega também outro sentido, é um mecanismo de súplica e devoção. Por intermédio dela, confessam seus

²³ GEERTZ, 1989, p. 94.

²⁴ GEERTZ, 1989.

pecados e esperam o perdão de Deus, como também é uma forma de agradecer pelas bênçãos recebidas, e as possíveis bênçãos e petições que o pretendente ainda irá receber. Para os membros isso é visto como exercício espiritual.

Com relação ao culto fúnebre, a sua liturgia, isto é, o formato como o ritual²⁵ é estabelecido e dirigido sofre algumas alterações. Mesmo assim, na estrutura dos atos do culto ainda se percebe elementos padronizados, pois são considerados importantes pelos fiéis e que já foram citados: oração, louvores, e também a pregação da palavra, sendo retirado somente o momento para a colheita das ofertas.

Porém, como observamos, a especificidade litúrgica do ritual fúnebre é que toda oração ministrada, louvor ou palavra externalizada no ambiente são direcionadas ao morto e aos membros²⁶ e participantes, mas como algo além de uma forma de prestar as últimas homenagens a pessoa já sem vida. Assim, em conversa com o Pastor Mateus Pereira, um dos líderes espirituais, sendo perguntado *qual o significado do culto fúnebre para os crentes*, nos esclarece:

“Para mim significa ação de graças a Deus por um cristão que venceu e passou da vida terrena para a vida espiritual, aproveitando também o momento de pesar para a evangelização dos ímpios que poderão estar no culto – vejo como uma oportunidade que Deus dá também para aqueles que estão ao redor do corpo e que não aceitaram ainda Jesus como suficiente salvador. Vejo também como uma cerimônia realizada para prestar as últimas homenagens a alguém que faleceu.” (Pastor Mateus Pereira, 49 anos. Entrevista realizada no dia 04 de julho de 2019).²⁷

Nessa fala percebemos a importância que o pastor dá ao “culto fúnebre” como ensejo para dois objetivos: a reafirmação da doutrina de que a “vida espiritual” é superior à “vida terrena”, por isso o falecimento de alguém que permaneceu fiel em vida é visto como uma “vitória”, e em seguida, usar este exemplo para conclamar o público não fiel (familiares, amigos etc., que não são evangélicos), a aderir à IEADI (“evangelização dos ímpios”, nas palavras do pastor). Em resumo, o objetivo a todo momento é realçar uma

²⁵ Utilizamos a categoria “ritual” no mesmo sentido utilizado por Mariza Peirano: como um sistema cultural de comunicação simbólica. O ritual é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). PEIRANO, Mariza. *Rituais: ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. (Coleção Passo a Passo. Vol. 24). p. 9.

²⁶ A “palavra central” do culto fúnebre, os hinos cantados, todos os elementos do ritual reforçam aquilo que os membros alimentam em seu imaginário em relação a morte e aos destinos póstumos.

²⁷ As entrevistas para esta pesquisa foram realizadas pelo autor Bezaluel Alves de Oliveira Junior.

crença em relação à vida pós morte para os seus, e transmitir suas crenças sobre a morte para os não fiéis que vieram homenagear a pessoa falecida.

Em conversa com o Pastor Felipe Alves de Moraes, teólogo, professor do IBAD²⁸, foi questionado: *qual texto da Bíblia geralmente os pastores utilizam para a ministração da pregação principal no culto fúnebre, e como ele preparava o sermão para um momento considerado difícil para os membros da instituição?*

“O culto fúnebre é o momento onde o cristão expressa publicamente sua fé em adoração a Deus, geralmente o texto da Bíblia mais utilizado, é o texto escrito pelo apóstolo Paulo à Igreja de Tessalônica, 1 Ts 4.13-18 que diz: “Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele. Dizemo-vos, pois, isto, pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descenderá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor”. Outro texto bastante usado, está em João 11, toda mensagem é construída com o objetivo de consolar os presentes e apontar com esperança para a ressurreição no último dia.” (Pastor Felipe Alves de Moraes, 28 anos. Entrevista realizada no dia 11 de julho de 2019).

Nesta doutrina, transmitida aos membros fiéis à IEADI, todo conteúdo do ritual, além de ter um aspecto de consideração e honra para o morto, toda mensagem, palavra, louvor, precisa está afinada com a “esperança da ressurreição”, conforme acentua o Pastor Felipe: “toda mensagem é construída com o objetivo de consolar os presentes e apontar com esperança para a ressurreição no último dia”; igualmente o Pastor Mateus: “A Igreja, bem como os parentes da pessoa sem vida, precisa crê na mensagem da ressurreição, e na recepção de um corpo incorruptível, uma vez que o defunto morre com Cristo, esta é a certeza”. Em outras palavras, a “esperança da ressurreição” tem um duplo sentido, a necessidade de promover a conversão dos parentes não fiéis e, ao mesmo tempo, fazer a “Igreja” (os fiéis) crer nas ideias relacionadas à vida pós morte, a fim de permanecerem pertencentes à instituição.

Compreende-se então que o culto fúnebre é uma das mais importantes cerimônias deste grupo religioso pentecostal, pois durante todo o seu desenvolvimento,

²⁸ Instituto Bíblico das Assembleias de Deus em Imperatriz. A Criação do IBADI ocorreu no ano de 1993, oferecendo o curso básico e médio em Teologia; curso de formação de diáconos e presbíteros e curso de alfabetização de adultos. No decorrer dos anos, foi implantado o curso livre de bacharel em Teologia e, posteriormente, através de parcerias com Instituições de Ensino Superior, foram feitos acordos para convalidação dos cursos de Teologia e implantação, em módulos, dos cursos de Pedagogia e Filosofia.

os pilares de sustentação doutrinário, que dão base para o entendimento dos fiéis sobre a vida e a morte, são reforçados, a explicação dos padrões de fé e prática na vida terrena e a tentativa de internalização da crença a fiéis e não fiéis ali presentes são evidenciados.

Não por acaso, em uma das nossas conversas informais, ouvimos que “O culto fúnebre se permite o regozijo”, afirmação essa baseada, segundo este interlocutor, na certeza para onde o “salvo” irá. Por isso é comum, nas cerimônias, ouvir expressões como “foi para um lugar melhor”, “acabou o sofrimento”, “para onde foi não existe tristeza”, “lá não existe choro nem dor”. Expressões comuns aos cristãos, procurando transmitir consolo aos familiares e presentes diante da morte de uma pessoa querida, mas que no contexto do “culto fúnebre” da IEADI, só é aplicado perante um morto que permaneceu fiel à Igreja, logo ganhando sentido de interpelação àqueles que não são ou deixaram de ser fiéis à mesma.

OBSERVAÇÕES DE UM “CULTO FÚNEBRE”

Em muitos casos, o culto fúnebre, ou o estágio que o antecede, isto é o velório, se tem início antes mesmo do corpo chegar à Igreja. Dependendo do horário do óbito, o corpo chega ao templo, podendo passar o dia inteiro no local onde será realizado o culto e/ou também toda noite. No caso particular que observamos, acontecido no dia 23 de junho de 2019, onde uma senhora de 80 anos, membro da IEADI foi a óbito, nos pareceu já bem perceptíveis os elementos de um culto fúnebre, ali em seu quarto onde ela jazia.

Em nossa visitação ao local do acontecimento, vimos que nos últimos momentos antes da partida da senhora, estavam alguns entes queridos ao redor do corpo repousado sobre a cama. Outros em pé cantavam alguns hinos da Harpa Cristã, como se estivessem preparando, acompanhado a alma da pessoa moribunda até o “lugar preparado”, como afirma a crença dos fiéis da IEADI.

Depois de muitos louvores enquanto a senhora estava perdendo a vida, de repente um dos pastores que ali estava, imposta-se e começa a proferir singelas palavras sobre o momento, e no meio do rápido comentário, é anunciada a mensagem da ressurreição e da esperança de que a senhora está agora “dormindo no Senhor”, o que foi seguido por choros dos familiares.

Logo em seguida, surgiram outros comentários acerca da morta, com a intenção de assegurar sua “salvação”, a interlocutora dizia, “ela está com a face feliz”²⁹. São afirmações como essa corriqueiras nos velórios da IEADI, reforça a crença de alguém que morreu “salvo em Cristo Jesus”. Outro sinal é a “serenidade” no rosto da pessoa. Segundo outro interlocutor, ela atesta imediatamente um reconhecimento de salvação. A calma na face da pessoa que está sendo velada retrata o que se apresenta nas epístolas de Paulo quanto a combater o bom combate, acabar a carreira e guardar a fé (Tessalonicenses, Cap 4, vers.7), nessa perspectiva o morto estaria em paz com a sua passagem para a morada celestial.

Perguntado se a situação fosse o contrário, *se o rosto da pessoa passasse um ar de tristeza, o que aquilo significaria*, nosso interlocutor demora a responder, demonstrando uma inquietação já sentida, porém prefere apenas reafirmar que a serenidade no rosto da pessoa morta transmite confiança na salvação dela para os que ficam nessa terra.

No momento da rápida cerimônia dentro daquele quarto, questionamos *por qual orientação religiosa ele professava*, ele se apresentou como Pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, genro da senhora recém falecida. Ela falecera as 23:30h de um sábado, passando toda noite na cama, em seu quarto, de onde vivera seus últimos momentos.

Um fato interessante, é que após uma rápida saída, ao adentrarmos outra vez no quarto, percebemos já um certo conformismo por parte dos entes queridos. Eles estavam ao redor do corpo relembrando momentos passados com a morta. Outro dos meus interlocutores, neto da falecida senhora, e que também estava presente, nos informou que no sábado pela tarde, horas antes do óbito, a mesma pedia perdão ao seu parceiro, a qual viveu até aquele momento. Segundo o interlocutor, foram conversas do cotidiano: “essas conversas geram muito conforto à família”.

Recontar histórias da vida do morto é também um ato comum nesse tipo de ocasião, pois é necessário relembrar e reconstruir sua história de vida social. Ao

²⁹ A observação da face feliz ou apavorada aqui não se refere ao trabalho de maquiagem feito pelos profissionais que preparam o corpo para o velório. A expressão constituída significa que a pessoa sem vida está em um bom lugar “descansando com o senhor”, isso atesta sua salvação. Quando sua face está triste, indica-se aí uma sentença da condenação. Essas duas condições para os membros da IEADI, estão ligadas ao modelo moral que sustenta apenas dois caminhos, o céu ou inferno.

começarem a relembrar os fatos, os entes queridos apuram o foco da atenção para o que precisa ser destacado e reconstruído por várias vezes, no momento do ritual. Cada história vai se afinando e ganhando sentindo entre os enlutados a respeito da pessoa morta.

Com efeito, casos como este que estamos descrevendo não é muito comum de acontecer, como nos disseram alguns líderes religiosos com os quais conversamos. Por conta da morte ter ocorrido de forma natural, o corpo passou toda a noite na casa dos familiares, passando depois por todo processo de formalização do óbito, no Instituto Médico Legal, e também pela funerária. Só então, o corpo foi transferido à Igreja IEADI no Conjunto Vitória, onde, geralmente duas horas antes do cortejo fúnebre ao cemitério, acontece as últimas honras no culto.

No culto fúnebre, depois dos familiares, os primeiros a chegarem no local onde o corpo será velado, são os pastores e obreiros³⁰. Nota-se que o termo “velado” simboliza para os evangélicos da IEADI apenas o local onde o corpo será colocado e alguns ritos simbólicos que são específicos da instituição. Não se trata do uso de velas, libações, rosários ou outros objetos, bem como não há nenhum outro culto depois do enterro, como fazem os católicos. Basicamente, o que fazem os fiéis assembleianos são orações, cantam hinos da Harpa Cristã, dão oportunidade para alguns familiares do morto falarem, e seguem com a ministração da palavra pelo pastor da Igreja.

No culto que estivemos presentes, o momento em que a senhora morta chega marcou uma mudança completa no ambiente do velório. A pessoa falecida é peça fundamental do rito, personagem central daquele momento que só acontece justamente por conta da sua morte. Ao verem o corpo naquele estado, formatado em uma caixa de madeira, os vivos realmente têm consciência do que representa a morte.

O culto fúnebre na IEADI geralmente acontece na parte da tarde, horas antes do corpo seguir em cortejo para o cemitério, local do último adeus. Antes disso, o corpo fica na parte central da Igreja, em frente ao púlpito, local onde muitas pessoas, além dos familiares, se aproximam e fazem várias reflexões (discursos) sobre o defunto, de

³⁰ Trata-se de termo nativo que designa o indivíduo que se dispõe a servir como auxiliar dos pastores na instituição. Ele faz um trabalho voluntário, geralmente todos os líderes de departamento são obreiros. Dentro da IEADI, segue-se uma linha hierárquica de obreiros que começam como auxiliar, passando para diácono, presbítero, evangelista e o último cargo, o de pastor.

quando ele ainda tinha vida. Geralmente, o ambiente é carregado de emoções e sentimentos, uns controlados e outros desesperados pela perda.

O momento de início do “culto fúnebre” é marcado com uma oração pelo pastor dirigente da Igreja. Em seguida, alguns hinos da Harpa Cristã são entoados, a mensagem dos hinos chamados “congregacionais” é embebida de um profundo simbolismo que mostra ao público a proximidade dos fiéis com a “pessoa divina”, além de reforçar a crença de um mundo ideal, onde “não haverá dor nem sofrimento”.

O hino abaixo foi um dos cânticos entoados no culto fúnebre em questão, contém em seus versos elementos que mistificam positivamente a morte.

No céu não entra pecado
Fadiga, tristeza, nem dor
Não há coração quebrantado
Pois todos são cheios de amor
As nuvens da vida terrestre
Não podem a glória ofuscar
Do reino de gozo celeste
Que Deus quis pra mim preparar!

Irei eu pra linda cidade
Jesus me dará um lugar
Com os crentes de todas idades
A Deus hei de sempre louvar
Do Céu tenho muitas saudades
Das glórias que lá hei de ver
Oh! Que gozo vou ter
Quando eu vir meu Senhor
Rodeado de grande esplendor!

Pagar não é necessário
A casa, que lá hei de ter
E meu eternal vestuário
No Céu, nunca vai se romper
Jamais viverei em pobreza
Aflito, no meu santo lar
Ali há bastante riqueza
Da qual poderei desfrutar
No Céu o luto é banido
Enterros não hão de passar
Sepulcros jamais são erguidos
Lá mortos não vou encontrar
Os velhos serão transformados
Mudados nós vamos ficar
Quais astros por Deus espalhados
No Céu, para sempre brilhar

(Harpa Cristã, Hino 422).³¹

A regra de fé e prática se encontra em evidência logo nas primeiras linhas do hino. O “pecado”, na cosmologia assembleiana, é tudo aquilo que afasta o homem de Deus, tudo aquilo que está relacionado a desobediência entre o homem que é a criatura e seu criador que é o ser divino. Nessa perspectiva, o hino, como instrumento de doutrinação, reforça ainda mais os conjunto de crenças da instituição, pois pela não observância das normas, o fiel fica impossibilitado de chegar aos “céus”. Isso é algo que realmente mobiliza o imaginário dos fiéis, o hino dá solidez afetiva e cognitiva a uma crença que os fiéis da IEADI devem pensar acerca da vida e da morte.

³¹ BÍBLIA SAGRADA – HARPA SAGRADA. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2009. p. 1536.

A terceira estrofe do hino aponta para a vida simples, social e econômica que a grande parte dos membros da IEADI vivem. Historicamente e majoritariamente, como aponta Fajardo, uma vida pacata, desprovida de grandes recursos qualifica o perfil social da maioria dos evangélicos das Assembleias de Deus no Brasil, como ele mesmo aponta: “pobre, preto, periférico e pentecostal”.³²

Essa parte do hino então serve como uma analgesia, um suspiro para os oprimidos, tendo em vista que essa ideia no cântico garante uma vida digna com Cristo independente da condição financeira, como o próprio verso aponta, “pagar não é necessário, roupas eternas”, sem dor, sem fome sem as lutas que o morto durante toda a sua vida enfrentou.

A proposta do hino 422 da Harpa Cristã, entoado no ritual, é lembrar aos fiéis das características peculiares do céu, de um outro ambiente preparado e reservado para aqueles que “dormem no Senhor”, além de transmitir confiança para os vivos em relação ao “futuro” do morto, que ele está “vivendo” em um lugar bem melhor. Como aponta a estrofe do hino, a vida eterna é mais plena e feliz, um mundo além mais perfeito que esse mundo daqui.

O formato ritualístico como é estruturado o culto fúnebre pode ser comparado, pela semelhança de seus elementos básicos, ao culto regular na IEADI – orações, cânticos, testemunhos e, no centro do rito, a mensagem bíblica. Porém a conotação de tudo que é externalizado no culto fúnebre é diferente, em essência, daquele que é realizado aos domingos na “casa de Deus”.

Logo em seguida, após os cânticos, pequenas oportunidades são cedidas aos familiares para rápidas saudações. Antes de finalizar o culto, o pastor ministra a mensagem oficial. Nesse momento, ficou claro para nós que o culto fúnebre estava sendo feito para mobilizar comportamentos e reforçar valores nos vivos. Assim, os versículos bíblicos são selecionados, o sermão é esboçado e estruturado basicamente para surtir efeito em quem escuta. Observamos pelo menos três objetivos da mensagem principal em um culto fúnebre.

³² FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Assembleia de Deus no Brasil: uma Igreja que cresce enquanto se fragmenta*. Assis: UNESP, 2015. p. 19.

O primeiro é fazer proselitismo, isto é, faz-se uma mensagem de cunho evangelístico, que busca convencer as pessoas que estão no ambiente e não são evangélicas, a aceitarem a fé proclamada pela IEADI, a andarem pelos “caminhos da piedade” e garantirem sua salvação da mesma forma que a pessoa já sem vida.

O segundo objetivo é na perspectiva de conforto aos fiéis e familiares, dando confiança quanto à salvação do falecido, ressalta-se as qualidades espirituais positivas retiradas da história de vida do mesmo. É o caso da senhora que acompanhamos, pois pela mensagem pastoral ministrada em seu culto fúnebre, ficou registrado o exemplo de fé, honradez perante seus familiares e bons serviços prestados à “casa de Deus”; sendo mesmo contado pelo pastor que, ainda enquanto jovem, ela era quem cuidava das lamparinas da Igreja.

O terceiro e último consiste em uma mensagem exortativa aos fiéis, apontando os perigos do descumprimento dos mandamentos da Bíblia e do que ela expressa para um viver saudável nessa terra. Mensagem essa também dirigida aos familiares, orientando-os a tomarem e seguirem o exemplo de fé e prática da pessoa sem vida. Em outras palavras, naquele espaço-tempo ritual, a pessoa falecida é alçada a símbolo do grupo, um emblema a ser observado por todos os presentes, como exemplo a ser seguido para uma “boa vida”, uma “boa morte” e uma feliz vida pós-morte.

Ao final da pregação, uma última oração é feita antes da saída do corpo. Um dos nossos interlocutores relatou que o momento mais difícil de todo culto é a parte final, pois é hora de fechar o caixão, e o sentimento de separação torna-se cada vez mais real. “A ficha cai”, termo utilizado por ele ao compreender realmente o que é a separação pela morte.

No final do cerimonial, o acesso ao morto é liberado pelo pastor por alguns minutos, a fim de que a família, parentes e amigos contemplem por mais alguns minutos. Seguindo pelo cortejo fúnebre, o corpo é levado até o cemitério, onde todos observam o pastor proferir as últimas palavras, finalizando com uma oração. O corpo é, aos poucos, encerrado no túmulo acompanhado por choros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos descrever o culto fúnebre da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Imperatriz – IEADI, procuramos analisar os simbolismos, comportamentos e sentidos que estão presentes e são transmitidos de alguma forma no processo ritualístico. Dessa maneira, percebemos determinado relacionamento ou a forma como os evangélicos lidam com a morte.

Quando falam de suas convicções de crença, a morte é vista como “lucro”; ao longo da pesquisa de campo, ouvimos muito prontamente alguns versículos bíblicos que foram usados para reforçar tais respostas, o sentimento de ganho de uma “vida eterna”, perante a perda do ente querido, é exercitado e construído no imaginário dos fiéis da IEADI.

Pequenos textos como: “Por que o viver é Cristo, e o morrer pra mim é lucro”, “Deus se alegra com a morte dos seus santos”³³ eram reproduzidos por diversos interlocutores, em nossas conversas informais, sempre que perguntados sobre o significado da morte. Tudo isso corresponde bem às mensagens pastorais sobre o pós-morte, do local “pleno de felicidade” para onde o morto iria e na mensagem da futura ressurreição, temas que apresentamos ao longo do texto.

Nessa perspectiva doutrinária, os assembleianos devem crer que a morte significa ausência de dor, tristeza e doença, e isso era a todo momento evidenciado, reforçado nas mensagens no culto fúnebre. Em alguns casos, em que o falecido já tinha uma idade avançada, os membros concordavam que “a morte abreviava o sofrimento”, como se lutar pela vida significasse sofrer.

Além de destacarmos no campo das crenças e valores dos fiéis da IEADI, como esse grupo se relaciona com a morte e quais significados o culto fúnebre tem para eles, demonstramos também como os discursos, os comportamentos, as orações, as pregações e os cânticos são importantes recursos ritualísticos na reafirmação daquilo que creem, tanto para si, quanto para o convencimento de outros (proselitismo).

O ritual passa a ser necessário para a complexidade do momento, da dor e da perda. É um estágio de maturação psicológica, por ter atribuições tão relevantes no sentido de preparar os vivos a lidarem com a dor da separação definitiva, possibilitando o processo do luto. Nesse sentido, a dedicação presente nos rituais fúnebres, o cuidado

³³ BÍBLIA SAGRADA – HARPA SAGRADA, 2009, p. 1157; 609.

e atenção com o corpo, as mensagens exaltando características positivas do morto, podem ser interpretadas como uma forma que os vivos encontram para amenizar possíveis faltas e sentimento de culpa em relação ao falecido.

Deste modo considerando a relevância do culto fúnebre frente ao fenômeno da morte para os fiéis da IEADI, e percebendo os poucos trabalhos relacionados ao luto e aos rituais na instituição, sugerimos a necessidade de exploração do tema, sobretudo de novas pesquisas que aprofundem as características e significados atribuídos ao ritual por diversos fiéis, diferentemente posicionados na hierarquia eclesial.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA – HARPA SAGRADA. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2009.

CONCEIÇÃO, Wellington da Silva. “Etnógrafo nativo ou nativo etnógrafo?” Uma (auto)análise sobre a relação entre pesquisador e objeto em contextos de múltiplas pertencas ao campo. *Revista de Antropologia da UFSCar*, São Carlos, vol. 8, n. 1, p. 41-52, jan./jun. 2016.

COSTA, Moab César Carvalho. *O aggiornamento do pentecostalismo: as Assembleias de Deus no Brasil e na cidade de Imperatriz-MA (1980-2010)*. 2. ed. São Paulo: Recriar, 2020.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Assembleia de Deus no Brasil: uma Igreja que cresce enquanto se fragmenta*. Assis: UNESP, 2015.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

OLIVEIRA JUNIOR, Bezaliel Alves. *Os Evangélicos e a Política: itinerários e lógicas do engajamento político de líderes pentecostais da Igreja Assembleia de Deus em Imperatriz-MA*. São Paulo: Editora Pluralidade, 2022.

PEIRANO, Mariza. *Rituais: ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. (Coleção Passo a Passo. Vol. 24).

SANTOS, Carvalho; CHAVES, Margarida. *Imperatriz cidade da gente: história e geografia; estudos regionais: ensino fundamental II: anos finais*. Fortaleza: Didáticos Editora, 2020.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, 2009.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2013.